



Boletim da Marcha

BOLETIM DA MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES VOLUME 12, NÚMERO 2 – JULHO 2009

Índice

Artigo	Pagina
1. Editorial	1
2. Primeira Reunião Regional da MMM da África: um grande êxito	2
3. 2009: O ano dos Encontros Regionais da MMM	4
4. Reunião do CI: preparação da ação de 2010 e mobilização	5
5. Rumo à nossa Ação Internacional de 2010...	5
6. Análise teórica e demandas práticas: outro passo dado na preparação de nossa 3ª. Ação Internacional	7
7. As lutas das mulheres árabes	7
8. Construindo solidariedade entre a Sociedade Civil Iraquiana e o Movimento Global	8
9. Protestos mundiais contra prisão arbitrária de ativistas na Turquia	9
10. Cúpulas reforçam a organização da luta indígena.	10
11. Ativistas da MMM mobilizando-se no Nepal	11
12. As mulheres palestinas, as mulheres israelenses e suas lutas	11
13. A MMM nas mobilizações globais para 2009!	13
14. Agenda/Próxima Edição	14
15. Contatos	14

1. Editorial

Estimadas companheiras,

Nos últimos anos estivemos de acordo que nosso movimento deveria ter como objetivo atuar como uma rede de resposta rápida, mostrando e colocando em ação nossa solidariedade com mulheres e homens de todo o mundo, que estejam em situação de emergência, compartilhando informações entre nossas CNs, Grupos Participantes e aliados, e mobilizando para protestos e outras ações (petições, vigílias nas embaixadas em nossos países, boicote de companhias transnacionais, etc), que buscam fazer pressão em governos ou companhias que estejam ameaçando os direitos dos que se organizam e vivem com dignidade.

No último mês, infelizmente, tivemos que colocar nossas aspirações por ter dita rede em prática diversas vezes: para exigir a liberação de ativistas da Turquia, a maioria dos quais são sindicalistas, detidos ilegalmente no final de maio (22 seguem presos, incluindo 4 companheiras da Marcha Mundial das Mulheres, veja artigo abaixo); para protestar contra a violência extrema e a repressão perpetrada pelo governo de Alan García no Peru contra povos indígenas da Amazônia Peruana (ver artigo abaixo); e para apoiar a luta do povo do

Haiti por um salário mínimo justo e contra violência perpetrada pelas forças de “paz” da ONU em seu país.

Além desses períodos, nos quais necessitamos expressar nossa solidariedade de uma maneira ágil e pertinente, também precisamos reconhecer a necessidade de lutar junto com outros movimentos sociais. No transcurso de nossas ações de 2010, como também na afirmação de nossas demandas e compromissos assumidos em nível internacional e nacional, também podemos expressar nossa solidariedade denunciando casos concretos de violações dos direitos de mulheres e povos, exigindo que os governos e parlamentos em nossos países e regiões sejam responsabilizados.

Também estamos acompanhando de perto a situação em Honduras e no Irã, através de relatos de militantes e amigas da Marcha Mundial das Mulheres. Por motivos e processos políticos distintos, nossas companheiras vivem momentos críticos nos quais se mostra muito importante nossa solidariedade e capacidade de disseminar informação e análises dos e das que estão em luta por justiça e liberdade.

Estaremos em marcha até que todas sejamos livres!

2. Primeira Reunião Regional da MMM da África: um grande êxito

A 1ª. Reunião Africana da Marcha Mundial das Mulheres celebrada em Bamako/Malí, de 28 a 30 maio de 2009, reuniu 59 mulheres procedentes de 20 países: Alemanha, Argélia, Benin, Burkina Faso, Burundi, Camarão, República Centro Africana, República Democrática do Congo, Gana, Guiné, Costa do Marfim, Quênia, Lesoto, Malí, Moçambique, Nigéria, Ruanda, Saara Ocidental, Senegal, África do Sul e Zimbábue. Um indicador do êxito da 1ª. reunião é a forte representação das jovens.

Contamos com a presença de companheiras da Bélgica, Brasil, França e Portugal, como convidadas e como interpretes, o que permitiu o intercâmbio se desse entre os 3 idiomas – Frances, Inglês e Português. A cobertura dos meios de comunicação em francês foi organizada com apoio da OIF (Organização Internacional da Francofonia) e a mobilização de voluntários no Mali, França e Burkina Faso (a jovem estudante de jornalismo que recebeu uma bolsa de estudos na nossa Ação Internacional em 2005).

A reunião começou com as intervenções das organizadoras e as autoridades nacionais, seguido por eventos culturais. Em seguida, um debate sobre o contexto sociopolítico atual (crise financeira, economia global, as alternativas da África). Em relação às alternativas, é evidente que a África deve ter confiança em si mesma e em seus valores, por exemplo consumir o que produzimos e tratar de conseguir uma liderança que tenha em mente as necessidades das mulheres. A tarde inteira foi dedicada à discussão em grupo dos campos de ação (ver mais adiante)

No segundo dia, a discussão foi sobre a organização da Ação Internacional de 2010, as alianças e o trabalho em conjunto na região. Três países estão trabalhando para realizar marchas em 2010: Mali, Moçambique e Saara Ocidental. Os outros países terão discussões sobre este tema em breve. Além disso, as organizações da MMM na República Democrática do Congo difundem as informações sobre nossa mobilização de outubro 2010 e preparam uma reunião nacional. E as ativistas do Quênia estão se preparando para uma caravana que irá de Nairóbi a Bukavu.

Para dar seguimento a construção da MMM na África – começando pela Ação de 2010 - um comitê para coordenação regional foi criado; ele está integrado por representantes da região para o Comitê Internacional (Nana Aicha Cissé e Guilhermina Trucha), para África do Leste – Diane Waituika Wanjiru, Quênia, África do Oeste – Dabiré Awa Quedraogo de Burkina Faso, para o sul da África – Emanuela Sidumo Paulo Mondlane de Moçambique,

para a África Central – Martha Kingue Camerún e África do Norte – Ourida Chouaki de Argélia.

No 30 de maio, ativistas da Marcha se somaram a mais de 200 mulheres em 6 comunas de Bamako em um evento muito colorido e marcado por tambores. Estavam lá mulheres peulh, sonrai, touareg, bamanan, manding, khassonké, dogon, soninké entre outras. A marcha começou no centro Aoua Keita, e terminou em Bourse de Travail (dois lugares simbólicos para as mulheres de Mali): Aoua Keita é a primeira mulher deputada de Mali, uma pioneira na luta pela promoção das mulheres na década de 1960. Durante as revoltas de 1991, o povo, os trabalhadores em greve, os estudantes, as mulheres se reuniram em frente à Bolsa de Trabalho, e é ali que o novo presidente, que derrubou o ex ditador, se reuniu com eles e elas.

Os campos de ação vistos pelas mulheres da África **Autonomia econômica: um desafio estratégico**

As mulheres compartilharam suas experiências: as atividades geradoras de renda, a participação das mulheres na reforma agrária, a promoção da economia solidária, a consolidação de capacidades, a elaboração e difusão do Código da Família, exigência de herança, a educação das mulheres e meninas, a alfabetização, promoção da eliminação dos custos do parto e fundos mútuos de saúde são vistos como oportunidades para que as mulheres africanas saiam da dependência financeira. Estas exigências se referem ao direito de todos os trabalhadores e trabalhadoras ao emprego e uma remuneração justa, assim como o acesso das mulheres a terra e aos insumos.

Bem comum e os serviços públicos: a luta contra a privatização e por mudanças de comportamentos

Atividades propostas: exigência de acesso aos serviços sociais básicos, desenvolvimento ou a integração de comitês de luta contra a corrupção, realização de campanhas de informação, educação e comunicação, luta contra a privatização e exploração selvagem de recursos naturais.

As reivindicações prioritárias são o acesso universal à água potável e ao saneamento básico, a reforma agrária e a promoção da agroecologia. As mulheres se comprometeram a criar e fortalecer vínculos entre as mulheres rurais e urbanas através da experimentação das vendas diretas, dos mercados de produtores, da preparação e distribuição coletiva de alimentos, a reafirmação dos princípios e o fortalecimento da luta por soberania alimentar e a denúncia da responsabilidade dos povos do norte por seu consumo e estilo de vida, a luta por mudanças nos padrões de consumo e produção.

A violência contra a mulher: centrar as ações na sensibilização e luta contra impunidade

Várias ações foram citadas: tomada de consciência sobre a problemática da transmissão voluntária do HIV/AIDS, a sensibilização dos pais sobre os casamentos precoces e forçados: a sensibilização sobre a prática da circuncisão feminina, a disseminação da lei sobre abuso sexual.

Quanto à prioridade, há, entre outras, iniciativas a votação de uma lei contra circuncisão feminina nos países em que não existe e o seguimento de sua aplicação, aplicação de sanções efetivas para os autores de atos de violência contra a mulher em situações de guerra. As mulheres se comprometeram igualmente a reforçar a coesão e a solidariedade entre as mulheres africanas e a impedir a reestabelecimento de movimentos políticos pelos governos.

Paz e desmilitarização: evitar a instrumentalização

Várias atividades foram registradas, por exemplo, a conscientização dos perigos das armas leves, a apreensão e a destruição de armas de guerra, posicionamento contra proliferação de armas leves e armas de pequeno calibre, a realização de um projeto de apoio a reconciliação e a reintegração sócio-econômica dos ex-combatentes, dos sobreviventes do genocídio e genocidas presos.

Os temas prioritários identificados são a aplicação de medidas eficazes e penas severas para os autores de violência contra a mulher em situação de conflito (forças armadas, as forças paramilitares, guerrilheiros, capacetes azuis das Nações Unidas, assim como maridos ou pais), a participação das mulheres no processo de prevenção, de gestão dos conflitos e no processo de manutenção da paz e reconstrução pós-conflito, a retirada de militares estrangeiros dos países onde os conflitos já tenham terminado e onde os acordos militares já tenham expirado.

Por último, as participantes recomendaram também que se criem comitês de alerta pelas organizações da sociedade civil.

3. 2009: o ano dos encontros regionais da MMM

No passado, foi a Europa como região, que realizou encontros regionais de suas coordenações, com delegadas das várias Coordenações Nacionais (CN) que se reúnem em 6 ou 8 meses. Nas outras regiões, as militantes da MMM de distintos países se utilizaram de outras oportunidades – Fórum Sociais, eventos organizados por aliados, Encontros Internacionais, etc – para reunirem-se e discutir a MMM mais além das fronteiras nacionais. Mas nunca haviam tido a oportunidade de encontrarem-se em suas regiões como movimento.

Em 2009, vai ser diferente... Como vocês viram acima, nosso primeiro encontro regional – na África – aconteceu em Bamako, Mali, de 28 a 30 de maio, organizado conjuntamente por Aicha e Wilhemina, enquanto representantes no Comitê Internacional, e CAFO (Coordenação de Associações das Mulheres de Mali e ONGs), uma das coordenações da Coordenação Nacional de Mali. Em agosto, será a vez da região das Américas ter seu primeiro encontro regional. Será na Bolívia, de 10 a 12 de agosto. Delegadas de aproximadamente 15 CNs (das Américas do Sul e Norte) vão se reunir para debater a situação político-sócio-econômica da região, discutir nossos 4 campos de Ação, fortalecer e consolidar a MMM nas Américas, construir um plano regional de trabalho e planejar ações e mobilizações das Américas nos marcos da Ação Internacional de 2010.

O Encontro da Ásia e Oceania vai ocorrer em setembro, em Quezon City, Filipinas. Vai ser uma chance para que as CNs na região (que inclui a Ásia do Sul, Sudoeste Asiático e o Pacífico), se encontrem pela primeira vez fora dos espaços dos Encontros Internacionais da MMM, e para que convidem companheiras de outros países onde a MMM está presente (mas ainda não como CNs), para juntarem-se a elas para debater a consolidação e expansão em sua região e para compartilhar planos para 2010. No mês seguinte, 24 e 25 de outubro, a Coordenação Européia vai se reunir pela segunda vez este ano (ver edição de março deste boletim para notícias desse primeiro encontro), esta vez em Thessalonica, Grécia. Além de um debate político sobre a paz e desmilitarização, as companheiras européias buscam fortalecer a presença da MMM no oeste e norte da Europa (convidando mulheres desses países para participar) e finalizar seus planos regionais para Ação Internacional de 2010.

4. Reunião do CI: preparação da ação de 2010 e mobilização



2010 e a discussão sobre a preparação dos encontros regionais (África, Américas, Asia-Oceania e Europa) foram uns dos principais temas tratados na reunião do Comitê Internacional da MMM (CI), realizada entre os dias 1 e 4 de abril, em São Paulo, Brasil. Essa foi a primeira reunião depois de Galícia e todas as integrantes estiveram presentes, exceto Gladys Alfaro (México), que não pode participar por problemas de saúde. As integrantes também participaram no dia anterior, 30 de maio, de manifestação realizada por ocasião da semana de mobilização mundial contra a crise e o capitalismo.

A reunião contou também com um debate de conjuntura sobre o tema da crise financeira, a situação dos acordos de livre comércio na África e a integração regional como resposta alternativa a crise, além de tratar dos assuntos cotidianos da MMM: avaliação do Encontro Internacional da Galícia e finalização do informe, avaliação do plano estratégico 2007-2010, prestação de contas do CI e do SI e informação sobre alianças (Fórum Social Mundial, mobilizações globais e participações em outros eventos).

Visando a ação internacional de 2010, além dos textos, foram apresentadas propostas de logo pelo Secretariado Internacional (SI) e tal foi fechada depois das modificações (ver nota adiante). O SI e o CI trabalharão também na comunicação para visibilizar histórias coletivas de luta das mulheres.

Em relação à proposta de fazer um vestido ou objeto que unifique e simbolize a ação de 2010, estamos aguardando de Quebec mais detalhes sobre como poderia funcionar concretamente, uma vez que ainda não está muito claro em que países se realizarão ações e em que época do ano (se em março ou outubro). O que se sabe é que haverá ações em março no Brasil, Filipinas, Malí, e Paquistão e em outubro no Quebec e Europa, mas as Coordenações Nacionais estão fazendo suas reuniões de definição e ainda não informaram mais detalhes.

Finalmente, se fez um intercambio sobre o formato da ação em Sud Kivur (RD Congo), no qual se destacou que, antes de qualquer decisão, era importante aguardar o encontro regional africano e organizar uma visita a região para avaliar a situação e as possibilidades logísticas. Também se enfatizou que é fundamental assegurar nessa manifestação a presença massiva de mulheres da África e, especialmente, da região dos Grandes Lagos, além de uma representação internacional de cada região da MMM.

5. Rumo a nossa Ação Internacional de 2010...

Quebec:

A coordenação do Quebec da Marcha Mundial das Mulheres começou seus preparativos para Ação Internacional de 2010. Nós marcharemos entre os dias 12 e 17 de outubro de 2010 com um grande encontro nacional em Rimouski em Bas Saint-Laurent.

Há espaços importantes para as regiões do Quebec na MMM. Em todas as regiões estamos trabalhando na organização de marchas regionais que terminarão no 17 de outubro na cidade de Rimouski. Além disso, estamos elaborando as reivindicações que levaremos como Marcha Mundial das Mulheres no país. Uma consulta se efetuará em nível dos grupos membros da coordenação do Quebec da MMM que nos permitirá adotar estas reivindicações.

Uma comissão de trabalho foi criada para elaborar o projeto do vestido da solidariedade para fazer uma contribuição a nível mundial.

Brasil:

Um seminário nacional, com participantes da MMM de 18 estados brasileiros, junto com movimentos aliados, aconteceu em São Paulo de 15 a 17 de maio. Três dias de experiências compartilhadas e debates sobre a história da MMM no Brasil, a atual situação sócio-política, nossos Campos de Ação e demandas relacionadas a eles e Ação Internacional de 2010.



Construindo a partir da decisão já tomada de organizar uma marcha de 10 dias (de 08 ao 18 de março), como parte da 3ª Ação Internacional, as participantes discutiram as características da marcha que farão. Alguns dos objetivos acordados foram:

- Organizar a marcha da cidade de Campinas a São Paulo, cuja distância é de cerca de 100 km, com a participação de 3000 mulheres:
- Garantia do caráter nacional da marcha, mesmo que esta seja realizada dentro do estado de São Paulo;
- Diálogo com a sociedade (imprensa, populações urbanas onde a marcha vai passar), fazendo visível as lutas anti-capitalistas, anti-patriarcais, anti-racistas da MMM;
- Organizar um processo de sensibilização antes e durante a passagem da marcha, as participantes vão caminhar pela manhã e participar de atividades durante a tarde;
- Mostrar a solidariedade das mulheres brasileiras com as mulheres de outros países (para demonstrar solidariedade internacional)
- Denunciar, demandar e propor alternativas
- Negociar com os governos locais e federais mudanças concretas na vida das mulheres brasileiras

O último dia do seminário, as participantes discutiram o papel fundamental dos estados brasileiros na preparação da marcha, para que ela seja exitosa. As militantes se comprometeram a voltar a seus estados e debater os resultados do seminário nacional, estratégias de arrecadação de fundos (cada estado vai ser responsável por sua viagem até Campinas – transporte e comida), o número de participantes que vai marchar e um calendário das atividades de formação e sensibilização. Além disso, foram formadas três comissões nacionais – finanças, articulação política (com sindicatos, aliados, autoridades locais, etc), metodologia – para facilitar a preparação da marcha.

Materiais de apoio para ação de 2010

Visite regularmente a seção do sítio da web sobre a ação de 2010, para ver textos, logomarcas e outros materiais que podem ser utilizados para a preparação da ação:

<http://www.marchemondiale.org/actions/2010action/es>

Folder

O Folder já se encontra disponível na página da MMM nas versões em alemão, árabe e kiswahili sobre a ação internacional de 2010. Assim, já temos material em sete idiomas. Ver em: <http://www.marchemondiale.org/actions/2010action/es>

Coordenações nacionais que tenham traduzido o folder para seus idiomas locais nos podem enviá-los para communication@marchemondiale.org, para divulgá-lo na página da MMM

Logomarca



Já está pronto também o logo para ação de 2010. Com ela, o Secretariado Internacional já preparou um conjunto de materiais de mobilização (cartaz, adesivos e papel de carta). Você pode baixar esses arquivos através do link indicado acima.

6. Análise teórica e demandas práticas: outro passo dado na preparação de nossa 3ª. Ação Internacional

Em maio enviamos às coordenações nacionais a versão final dos nossos quatro campos de ação (Violência contra Mulher, Paz e desmilitarização, Trabalho das mulheres e Bem Comum e Serviços Públicos), resultado de um processo longo, frutífero e muito democrático de construção coletiva que envolveu as militantes da MMM em todos os níveis. O objetivo desses textos é mobilizar as mulheres e grupos de mulheres em nossos países para debater nossos campos de ação no interior da MMM e com nossos aliados; prepararmo-nos teoricamente para Ação Internacional de 2010 e planejar nossas atividades nacionais em 2010.

Os textos contêm não só análises teóricas em reação a cada Campo de Ação (incluindo nossa posição feminista), como também as demandas da MMM para 2010 e nossos compromissos (ações, campanhas, etc) como movimento. As demandas e compromissos expressados neles foram cuidadosamente pensados e largamente discutidos e deixados gerais e não específicos de propósito. A ideia é que sejam adaptados aos níveis regionais e nacionais, de acordo com as realidades e contextos locais. Os encontros regionais da MMM que ocorrerem ou vão acontecer este ano vão ser uma oportunidade para as CNs discutirem como estas demandas e compromissos podem tornar-se realidade em cada um dos países/CNs de sua região.

Nós encorajamos vocês a discuti-los previamente em seus países para que suas delegadas possam representar as ideias de sua CN nos encontros regionais.

Os textos dos Campos de Ação estão disponíveis, para acesso e download, em Word e pdf em nossa página na internet: <http://www.marchemondiale.org/actions/2010action/text/en/>

7. As lutas das mulheres árabes

A Marcha Mundial das Mulheres participou do seminário de preparação do Fórum Machrek entre os dias 4 e 5 de maio, em Rabat (Marrocos), antes da reunião Conselho Internacional do Fórum Social Mundial (de 6 a 9 de maio). Em uma das oficinas a discussão foi sobre a situação das mulheres na região habitada pelos povos árabes Amazigh, Bereber, entre muitos outros. Cerca de 30 mulheres de vários países debateram a história de lutas feministas e a vida cotidiana das mulheres em seus países. As lutas das mulheres estão relacionadas com as lutas de liberação nacional, especialmente nos durante os anos 1960 – 1970, e a resistência contra a ocupação estrangeira até os dias de hoje

Várias mulheres estão hoje mais presentes nos espaços públicos, mas a maioria ainda vive em situações de dependência financeiras de seus pais, maridos ou irmãos. Muitas mulheres têm empregos precários ou estão desempregadas. A situação piorou com a privatização dos serviços públicos derivada das políticas de ajuste estrutural e dos acordos de “livre” comércio.

As mulheres estão presentes nas lutas sindicais e contra as políticas neoliberais. Várias iniciativas a favor da escolarização das mulheres e meninas, pela saúde e contra a violência de gênero tem sido levadas a cabo pelas mulheres. Elas se mobilizam contra o tráfico de mulheres e contra a violência sexual utilizada em conflitos e nas ações de criminalização dos movimentos sociais, como uma forma de humilhar e difundir o terror.

Também têm sido levadas a cabo muitas campanhas para mudar as leis e a dependência jurídica das mulheres com relação aos homens de sua família. As amplas mobilizações pela alteração do código da família, em 2000 no Marrocos, dentro do marco da Marcha Mundial das Mulheres, rendeu uma grande vitória. Desde então, as organizações feministas estiveram e estão trabalhando para que essa vitória se traduza na vida cotidiana da mulher. No Iraque elas denunciam o artigo 41 da Constituição, que permite que o estado civil se baseie na identidade étnica e assim abre-se a porta à lei da Shari’a em algumas partes do país (ver artigo neste Boletim informativo sobre a reunião da Sociedade Civil Iraquiana). Na Argélia elas denunciam o código da família aprovado em 1984, que institucionaliza a inferioridade da mulher. Entretanto as correlações de forças as restringem de propor emendas sobre os piores artigos. Existe, ainda, uma campanha que envolve Palestina, Síria, Líbia, Jordânia e Egito sobre o direito das mães de transmitir sua nacionalidade a seus filhos.

Os grupos feministas na maioria dos países da região prestam serviços, como dar asilo a mulheres vítimas de violência ou apoiar as necessidades mais urgentes das mulheres em tempos de guerra. Elas se atrevem a falar de temas tabus. Mas o desafio é como aproximar essas ativistas das mulheres de base, às mais pobres e àquelas que vivem em zonas rurais, onde a influência dos conservadores religiosos não para de aumentar. As ações a favor dos direitos da mulher estão em conflitos com uma crescente presença de islamitas conservadores que estão extremamente apegados a gestão da família da família em um sentido patriarcal.

Dentro do quadro do Fórum Social Machrek, diversos fóruns temáticos foram propostos, como, por exemplo, um Fórum sobre as mulheres na Jordânia.

8. Construindo solidariedade entre a Sociedade Civil Iraquiana e o Movimento Global

Convidadas pela Iniciativa de Solidariedade da Sociedade Civil Iraquiana (ICSSI, por sua sigla em Inglês), para participar de uma reunião das organizações da sociedade civil iraquiana (36), movimentos sociais internacionais e ONGs (organizações não-governamentais), duas militantes da Marcha Mundial das Mulheres da Itália e Paquistão passaram três dias debatendo e compartilhando estratégias para fortalecer os laços e a solidariedade entre Iraque o mundo.

Como parte do programa, os participantes iraquianos e internacionais os desafios (socio-econômicos, políticos, de direitos humanos, legislação e formação) com os quais a sociedade civil iraquiana está confrontada e destacaram as seguintes prioridades para campanhas internacionais de sensibilização (do informe oficial do encontro, não é a lista completa):

- Uma campanha pela abolição da lei 150 os direitos dos trabalhadores de formar sindicatos;

- Uma campanha para melhorar a posição das mulheres na sociedade e abolir o Artigo 41 e eliminar os obstáculos legislativos para igualdade de gênero;
- Apoiar a formação da Sociedade Civil Iraquiana;
- Desenvolver projetos e redes para a construção da paz, da não-violência e de processos de reconciliação interna;
- Promoção da participação de jovens nas tomadas de decisão.

Também foram organizados cinco grupos de trabalho (GT) como parte da programação do encontro, incluindo um sobre os Direitos das Mulheres na qual a MMM participou (enquanto movimento feminista internacional presente). Os principais problemas referentes às mulheres no Iraque atualmente, como foram identificados pelos 8 grupos iraquianos de mulheres que participaram do GT são a violência contra as mulheres, o analfabetismo, o acesso aos serviços de saúde, o desemprego (falta de poder econômico) e a legislação. Em relação à legislação, o desafio atual na luta pelo fim da opressão das mulheres no país é a abolição do Artigo 41 da nova constituição que deixa lugar para interpretações religiosas extremistas da lei islâmica (como a Shari'ah) que "pode sancionar o apedrejamento de mulheres adúlteras, permitir que meninas menores sejam forçadas a casa e permitir que homens abandonem suas com a declaração "Eu me divorcio" três vezes. (<http://articles.latimes.com/2007/oct/09/world/fq-constitution9>)".

Desde o encontro, estamos em contato com 4 dos 8 grupos de mulheres que estiveram presentes, compartilhando documentos e informações da MMM e estimulando-as a compartilharem conosco como podemos apoiar suas lutas, especialmente com respeito ao artigo 41. Esperamos fortalecer nossos laços com esses grupos de mulheres enquanto seguirem com a luta contra a opressão extrema do patriarcado em seu país.

9. Protestos mundiais contra prisão arbitrária de ativistas na Turquia



maternidade e violência contra as mulheres e sexual.

35 sindicalistas e ativistas do movimento de mulheres desse país foram ilegalmente detidos no final de maio por forças policiais turcas, que invadiram os escritórios da Confederação de Sindicatos de Servidores Públicos (KESK) e do Sindicato de Professores Egitim Sem (afiliado a KESK). Na operação, foram apreendidos computadores, CDs e documentos de trabalho dos sindicatos e do movimento feminista, como os relacionados à licença

maternidade e violência contra as mulheres e sexual. Não havia acusação formal contra os detidos e detidas, que não foram informados do motivo de sua prisão sob a alegação de que o processo legal se faz em tramitação confidencial.

Iniciamos uma campanha mundial de solidariedade e manifestações, incluindo o envio de cartas de repúdio às autoridades turcas, várias ações na frente das embaixadas e consulados turcos. Na Turquia os sindicatos afiliados a KESK fizeram importantes manifestações e seus advogados refutaram a decisão do Tribunal de prender essas/es mulheres e homens. Através dessas ações, 21 ativistas foram liberados na primeira semana de junho, enquanto 14 estão detidos desde o início (incluindo duas integrantes da Marcha Mundial das Mulheres: Elif Akgul, professora, e Yuskel Mutlu, professora aposentada, integrante da Associação de Direitos Humanos e da Assembléia Turca pela Paz)

Contudo, desde então algumas pessoas inicialmente liberadas foram presas novamente. Uma das integrantes do KRSK foi detida no 8 de junho enquanto visitava uma de suas amigas na prisão e foi liberada no mesmo dia. Então, em 16 de junho, outras 8 pessoas foram presas. Atualmente, há 22 militantes presos na Turquia.

Movimentos sociais do mundo inteiro, incluindo o movimento de mulheres internacional e as confederações de sindicatos, vêm a ação do governo turco com uma intenção evidente de criminalizar os movimentos sociais e uma violação ao direito democrático de organização. Ações em todo mundo seguem exigindo a liberação imediata de todos/as detidas/os e o fim da repressão aos movimentos de oposição na Turquia, incluindo o de mulheres, sindical e de direitos humanos e devolução de todos os equipamentos e documentos apreendidos.

10. Cúpulas reforçam a organização da luta indígena.

Cerca de 1500 mulheres participaram de I Cúpula de Mulheres Indígenas, que foi realizado em Puno, Peru, nos marcos da IV Cúpula Continental dos Povos e Nacionalidades Indígenas de Abya Yala (de 27 a 31 de maio). A reunião culminou com a adoção de um mandato e uma série de resoluções que conformam a agenda das mulheres indígenas para os próximos 2 anos. No total, as cúpulas de mulheres, infância e juventude e geral reuniram 6.500 participantes dos povos originários de 22 países de Abyaa Yala e povos da África, Estados Unidos, Canadá, Círculo Polar e outras partes do mundo.

O fim da violência contra as mulheres, reforma agrária integral como forma de garantir a soberania alimentar, atenção e defesa das e dos migrantes, tendo em conta a diversidade cultural, titulação de terras e territórios, descriminalização do cultivo da folha de COCA e a retirada das empresas estrangeiras multinacionais dos territórios indígenas são alguns dos acordos da cúpula de mulheres. A isso se soma a demanda por formação política e mais espaço de troca de experiência em distintos âmbitos (econômico, político, social, cultural entre outros).

Finalmente, foi fechado o acordo sobre a constituição da Coordenação Continental de Organizações Indígenas e sobre a realização dos próximos eventos na Bolívia, em 2011, nos marcos da V Cúpula Continental dos Povos e Nacionalidades Indígenas de Abya Yala.

Mulheres indígenas de grupos integrantes da MMM do Brasil, Chile e Guatemala, e especialmente de Peru, estiveram presentes ao evento. Dois dias antes, houve a Assembléia da Femucarina – Federação de Mulheres Camponesas, Artesãs, Indígenas, Nativas e Assalariadas de Peru, grupo integrante da MMM que identificou diversas propostas a serem levadas para a Cúpula, como a titulação de terras para mulheres, a criminalização e a solidariedade.

A declaração final da Cúpula de Mulheres Indígenas (só em castelhano) está disponível: http://www.movimientos.org/enlacei/iv-cumbre-indigena/show_text.php3?key=14473

Outras informações e balanços sobre a Cúpula podem ser encontrados no site: <http://www.movimientos.org/enlacei/iv-cumbre-indigena/>

Criminalização e morte de indígenas

Durante a cúpula, rechaçou-se fortemente a perseguição dos movimentos sociais e a repressão oficial às manifestações e ações de defesa dos direitos dos territórios e da vida dos povos indígenas, especialmente os da selva amazônica, que estavam em greve há mais de 50 dias na região de Bagua.

Poucos dias depois da Cúpula, 5 de junho, uma repressão violenta aos manifestantes resultou em mais de 30 mortes (ler mais sobre o tema)

<http://www.marchemondiale.org/news/mmnewsitem.2009-06-11.1947480103/es>

Após uma intensa campanha internacional de solidariedade e protesto, o governo do presidente peruano, Alan Garcia, atendeu algumas das demandas do movimento indígena (a suspensão de dois decretos entre 102 decretos legislativos) e reinstalou o processo de negociação. Mesmo com a decisão tardia, que custou muitas vidas, o movimento segue em negociação e mobilização: uma Paralisação Nacional Andina, Amazônica e Popular está prevista para os dias 7, 8 e 9 de julho.

11. Ativistas da MMM mobilizando-se no Nepal

Formada no início de fevereiro de 2008, a Coordenação Nacional do Nepal esteve muito ativa na primeira metade de 2009 (apesar de que seu maior feito seja levantar fundos), com a organização das atividades que seguem:

- Produção e distribuição de folhetos para a sensibilização sobre a MMM;
- Uma reunião da CN, que aconteceu no secretariado do Civic Concern em Katmandu, para discutir as questões da Violência e Pobreza, Paz e desmilitarização, Trabalho das Mulheres e Bem Comum e acesso a recursos;
- Manifestações no 8 de março em diferentes distritos e regiões do país, como os distritos de Dang, Khotang, Morang, Jhapa e Katmandu.
- Construção de solidariedade com outras organizações e participação no Dia Mundial de Direitos Humanos.

12. As mulheres palestinas, as mulheres israelenses e suas lutas

Mulheres palestinas: vincular as lutas feministas e as lutas de libertação nacional

As mulheres palestinas vivem há mais de 40 anos sob ocupação. Sofreram a *nakba* ou a grande catástrofe da limpeza étnica de 1948, quando da criação do estado de Israel; a memória deste acontecimento permanece ainda mais viva e é transmitida às novas gerações. Por isso o governo de Israel tenta proibir a celebração do *nakba* e qualquer referência a esta palavra.

As mulheres palestinas vivem sob o jugo opressor da colonização, a judeização, a constante expropriação e apropriação do território palestino – em ambos os sentidos, físico e psicológico, espaço vital e mental ocupado pelo opressor. As mulheres palestinas vivem um isolamento sistemático, sua “liberdade” de movimento está limitada pelos 700 guardas que envenenam sua vida cotidiana e sua vista fica obstruída pelas colônias judias que povoam as alturas de “suas” colinas e que invadem mais a cada dia seu entorno imediato: Impressão de ser fagocitadas! *“Se Gaza é uma prisão a céu aberto por causa do terrível bloqueio, toda Cisjordânia é um imenso campo de concentração...”*

As mulheres palestinas haviam participado mais ativamente na primeira Intifada, sublevação popular pacífica e muito menos na segunda Intifada, dominada pela resistência armada. Haverá uma terceira Intifada? Sem dúvidas que sim...mas impossível predizer sob que forma. Por hora o recusar-se a desaparecer é muito forte..... E as mulheres palestinas proseguirão sua grande luta.

Encontro com a organização-enlace da Marcha Mundial das Mulheres na Cisjordania

A União de Comitês de Mulheres Palestinas (Union Palestinian Women Committees (www.upwc.org.ps)) é uma organização/movimento de base de mulheres progressistas (4000 militantes na Cisjordânia e Gaza), trabalhando desde uma perspectiva laica e democrática que tende à construção de uma sociedade civil baseada no respeito dos direitos das mulheres. Ramallah, onde fica sua sede social, está sob o governo da autoridade palestina,

da qual se dizem independentes e frequentemente alvo de muitas críticas. Se definem como “uma parte integrante do movimento de mulheres palestinas e de luta nacional do povo palestino”. Está dupla luta – não uma *ou* outra e sim uma e outra – levam-nas a analisarem a situação das mulheres (violência, discriminação, pobreza, etc) num contexto da opressão e da colonização e do que esta situação provoca nas mulheres e homens palestinos, em termos de desigualdades de relações e de violências, em termos de humilhações e de interiorização da ocupação.

Seu movimento oferece uma variedade assombrosa de serviços e de atividades para responder as necessidades das mulheres: educação cívica, ajuda econômica e acesso a emprego; continuação dos estudos em particular para as jovens; apoio as mulheres chefes de família e de correspondência com as famílias palestinas que vivem no estrangeiro; intercâmbios culturais, etc (ver no site). Elas insistem muito na importância da conscientização política das mulheres, a apropriação de competências em comunicações, liderança, negociação, para poder aumentar a participação das mulheres em todas as instâncias de decisão e no processo eleitoral como eleitoras e candidatas. Esta organização é muito ativa no que se refere à campanha de boicotes, não investimento e sanções, e sua presidenta faz parte do Comitê de Coordenação Nacional Palestino. (www.bdsmovement.net)

Mulheres israelenses: a luta das feministas “contra” o projeto israelense de ocupação/colonização/apartheid

A crítica mais virulenta a sociedade israelense são feitas pelas feministas israelenses, jovens e não-jovens. Se as mulheres de Negro (<http://www.womeninblack.org/>) continuam fazendo sua vigília semanal contra a ocupação, uma das co-fundadoras do movimento fala da “colonização” do movimento de mulheres israelenses pela paz pela corrente feminista liberal, inspirada no sionismo de esquerda, com o qual é impossível trabalhar quando o tema a ser tratado é o da ocupação e a colonização. Uma nova geração de feministas jovens – mais radicais e formadas pelas correntes do ativismo pacífico ocupam o cenário político. A Coalizão de Mulheres denuncia obviamente as injustiças infligidas ao povo palestino através de inúmeras ações. Mas também atuam contra a violação sistemática do direito internacional e do direito israelense através do governo e do exército israelense, como, por exemplo, conformá-la e mantê-la como uma sociedade fortemente militarizada, chauvinista e sexista, preocupada em desenvolver uma “cultura de guerra” em todos os aspectos da sua vida, uma cultura machista que se reproduz nas relações sociais, e em particular entre homens e mulheres.

As feministas jovens israelenses denunciam esta sociedade, cujo Estado se pretende estar acima das leis, e que não titubeia em violá-las, passando por cima da democracia; uma sociedade racista contra seus próprios cidadãos – os judeus árabes primeiro, e depois os judeus orientais e norte-africanos considerados como “inferiores”. Elas levam a cabo campanhas para fazer que a sociedade israelense entenda o custo da ocupação e da colonização (ver campanha “quem ganha?”) e estão dispostas a realizar uma campanha internacional de boicote, não investimento e sanções (Boicot From within).

Seu estilo de organização – horizontal e coletivo – a preocupação de dar lugar e voz às mulheres discriminadas, a filosofia e a escolha de ações lembram as jovens rebeldes e feministas radicais envolvidas em ações de resistência pacífica em todos os lugares do mundo.

Para Prosseguir: Nossa solidariedade com esses movimentos de mulheres palestinas e israelenses pode desdobrar-se em vários registros e através de um sem-números de ações: delegações de grupos de mulheres em territórios ocupados, particularmente em Gaza, e convite de feministas israelenses; apoio às ações de resistência tais como Bil’in (<http://www.bilin-village.org/>), e, sobretudo, como antes já tínhamos solicitado: envolver-se

na campanha internacional de boicote/não-investimento e sanções contra as políticas israelenses. Então, ao trabalho!!!

13. A MMM nas mobilizações globais para 2009!

Com as manifestações do 8 de março, as mulheres inauguraram o calendário de lutas comuns do ano, definido na Assembléia dos Movimentos Sociais, realizada durante o Fórum Social Mundial (FSM), em Belém do Pará. Além do dia internacional das mulheres, o calendário de lutas do primeiro semestre incluiu o 17 de abril (Dia Internacional das e dos Trabalhadores) e, principalmente, o período entre o 28 de março e 4 de abril (a semana de ação global contra o capitalismo e a guerra).

Nos espírito da Declaração da Assembléia de Mulheres, também realizada durante o FSM, em vários países as manifestações do 8 de março deste ano se posicionaram contra o modelo de desenvolvimento capitalista, responsável pela crise que afeta a todo o planeta, e que tem a opressão das mulheres como uma de suas bases de sustentação. Entre os outros temas importantes das manifestações, houve denúncias em relação às respostas superficiais a crise que geram mais concentração de riquezas e reprodução do sistema capitalista patriarcal e racista.

Para ver uma lista e fotos de algumas das ações realizadas pelos grupos participantes e coordenações nacionais da MMM no 8 de março visita : <http://www.marchemondiale.org/actions/2009/03082009/en>

A MMM participou também da semana de ação global contra o capitalismo e a guerra, marcada por três momentos:

* **28 de março:** mobilizações em torno da Cúpula do Grupo dos 20 (G-20), formado por representantes dos bancos centrais e governos de 20 países que representam dois terços do comércio e da população mundial e mais de 90% do produto mundial bruto, e também o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI). O G-20 se reuniu em Londres (Reino Unido), no início de abril

* **30 de março:** dia de mobilização contra a guerra e a crise e de solidariedade com o povo palestino. Esta data marca o Dia da Terra Palestina e lembra um dos massacres levados a cabo por Israel contra os palestinos (na Galiléia, em 1976). Foi escolhida para dar impulso a uma campanha de boicote, não-investimentos e sanções (BDS) contra Israel.

* **4 de abril:** dia que marca o 60º aniversário da OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte, aliança de cooperação militar formada por países da Europa e os Estados Unidos. A OTAN se reuniu entre os dias 3 e 4 de abril em Baden-Baden e Kehl, Alemanha, e em Estrasburgo, França.

(Legenda: a MMM esteve presente em Estrasburgo com integrantes da França, Macedônia e Reino Unido)

Em todo o mundo, houve manifestações em diversos países por ocasião desse semana, entre os quais: Alemanha, Argentina, Austrália, Bélgica, Brasil, Canadá, Catalunha, Espanha, Estados Unidos, França, Grécia, Holanda (Países Baixos), Índia, Itália, Noruega, País Basco, Paquistão, Quebec, Quênia, e Reino Unido (Escócia e Inglaterra).

Mobilizações para o segundo semestre

O próximo grande momento de luta acordado na Assembléia dos Movimentos Sociais será o 12 de outubro, data de mobilização global em defesa da mãe terra, contra a mercantilização

da vida, contaminação do meio-ambiente e criminalização social. O 12 de outubro marca o dia de chegada dos espanhóis às Américas. A data foi convertida pelos povos indígenas nesse continente em dia de luta contra a conquista etnocida e contra o capitalismo, destruidor do planeta. A semana de mobilização termina no 16 de outubro, Dia da Alimentação. Várias manifestações nas cidades e no campo, fazer guaritas frente a representações da ONU, fórum de discussão, entre outras atividades, já estão previstos para essa semana. Além disso, um Tribunal de Justiça Climática se realizará em Cochabamba, na Bolívia, como parte dessa semana e das ações de articulação estratégica em torno da Conferência do Protocolo de Kyoto, em Copenhague, em dezembro.

Todas as CNs da MMM e grupos participantes estão convidadas a organizar ações em aliança com outros grupos e movimentos sociais para essa semana, a qual se agrega o 17 de outubro, dia internacional de luta pela erradicação da pobreza e momento fundamental de mobilização para nossa ação internacional de 2010.

14. Agenda

8 – 10 Julho: Reunião G8, L'Aquila, Italia

20 – 21 Julho: Reunião do Conselho Hemisférico do Fórum Social Américas, Asunción, Paraguay

21 – 22 Julho: Conferência sobre crise e integração, Asunción, Paraguay

23 de Julho: Cúpula dos Povos do Sul, Asunción, Paraguay

10 – 12 Agosto: Encontro Regional das Américas MMM, Cochabamba, Bolivia

21 – 23 Agosto: Fórum contra os Agronegócios, Asunción, Paraguay

Próxima edição:

- **Encontro Regional das Américas MMM, Cochabamba, Bolivia**
- **Fórum contra os Agronegócios, Asunción, Paraguay**
- **Preparação de nossa Ação Internacional de 2010**
- **Mudanças Climáticas**

15. Contatos

Comitê internacional da MMM:

Miriam Nobre (Secretariado Internacional), Nana Aicha Cissé y Wilhelmina Trout (África), Emilia Castro y Gladys Alfaro (Américas), Jean Enriquez y Saleha Athar (Asia), Michèle Spieler e Tereixa Dacosta (Europa)

Secretariado Internacional da MMM:

Rua Ministro Costa e Silva, 36

Pinheiros,

São Paulo, SP – Brasil

Código postal: 05417-080

Tel: +55 11 3032-3243

Fax: +55 11 3032-3239

E-mail: info@marchemondiale.org

Site: <http://www.marchamundialdelasmujeres.org>

Equipe do SI:

Alessandra Ceregatti, Celia Alldridge, Julia Clímaco, Miriam Nobre

Elaboração de textos:

Alessandra Ceregatti, Assa Diallo, Celia Alldridge, Emilia Castro, Miriam Nobre, Narayan Niraula, Lorraine Guay, Yildez Temurturkan

Tradução e revisão:

Anne Kepple, Celina Lagrutta, Claudine Charran, Daniela Martins, Martin Carbonell, Mónica Salom, Natasha Salles, Sylla Nenê Mariama

Fotos: WMW Archives,

Editoração: Luciana Nobre

Apoio: Oxfam NOVIB, Global Fund for Women, Fund for Non-Violence, Oxfam GB South America, Development and Peace, E-CHANGER.

São Paulo, Julho de 2009.